



PAULINA CHIZIANE, O LUGAR SEGURO E A CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA FEMININA EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Carla Laís Gomes¹

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Programa de pós-graduação em Estudos Literários, Araraquara, SP, Brasil.

Claudia Fernanda de Campos Mauro²

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Programa de pós-graduação em Estudos Literários, Araraquara, SP, Brasil.

Resumo: O artigo debruça-se sobre o romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, sob a ótica do pensamento feminista negro e da teoria social contemporânea, com destaque para a interseccionalidade entre raça, gênero e classe proposta por Patrícia Hill Collins em *Pensamento feminista negro* (2019). A obra de Chiziane tem como foco a jornada de Rami, personagem negra casada com Tony, um policial renomado, e explora suas experiências em uma sociedade marcada pelo patriarcado. A literatura, nesse caso, atua como zona privilegiada para explorar questões sociais e de identidade, ao permitir um olhar profundo para as complexidades das experiências vividas por mulheres negras moçambicanas. Portanto, o romance revela a diversidade cultural de Moçambique e as opressões comuns enfrentadas pelas mulheres do país, tema proposto no presente trabalho. Ao longo do texto, são discutidas a construção da identidade feminina, a

¹ Carla Laís Gomes possui licenciatura e bacharelado em Letras - Língua Portuguesa e Língua Estrangeira: Italiano pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP). É mestranda em Estudos Literários, na linha de pesquisa Teorias e Crítica da Narrativa, pela mesma universidade, e atua como professora de Língua Portuguesa e Língua Italiana. E-mail: carla.lais@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9089-0208>.

² Claudia Fernanda de Campos Mauro possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989), graduação em Letras - Português e Italiano pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1990), mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente, é professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, membro de corpo editorial da Revista de Letras (UNESP. Impresso), membro de corpo editorial da Revista de Letras (UNESP. Online) e Membro de corpo editorial do Arquivo Maaravi. E-mail: claudia.mauro@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4164-0330>.



resistência das mulheres diante das estruturas patriarcais e a importância da sororidade, que ocorre por intermédio do diálogo e da edificação de um lugar seguro.

Palavras-Chave: Literatura; Mulheres negras; Literatura feminina; Negritude; Patriarcado.

PAULINA CHIZIANE, THE SAFE PLACE, AND THE CONSTRUCTION OF FEMALE RESISTANCE IN *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Abstract: This article delves into the novel *Niketche: uma história de poligamia* by Paulina Chiziane, through the lens of black feminist thought and contemporary social theory, with a focus on the intersectionality of race, gender, and class proposed by Patricia Hill Collins in *Pensamento feminista negro* (2019). Chiziane's work centers on the journey of Rami, a black character married to Tony, a renowned police officer, and explores her experiences in a society marked by patriarchy. In this context, literature serves as a privileged zone to explore social and identity issues, providing a deep insight into the complexities of the experiences of Mozambican black women. Therefore, the novel reveals the cultural diversity of Mozambique and the common oppressions faced by women in the country, a theme explored in this paper. The text discusses the construction of female identity, women's resistance to patriarchal structures, and the importance of sisterhood, which is fostered through dialogue and the creation of a safe space.

Keywords: Literature; Black Women; Women's Literature; Blackness; Patriarchy.

PAULINA CHIZIANE, EL LUGAR SEGURO Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA RESISTENCIA FEMENINA EN *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Resumen: El artículo examina la novela *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, desde la perspectiva del pensamiento feminista negro y la teoría social contemporánea, con énfasis en la interseccionalidad entre raza, género y clase propuesta por Patrícia Hill Collins en *Pensamento feminista negro* (2019). La obra de Chiziane se centra en el viaje de Rami, un personaje negro casado con Tony, un policía de renombre, y explora sus experiencias en una sociedad marcada por el patriarcado. En este caso, la literatura actúa como una zona privilegiada para explorar cuestiones sociales e identitarias, permitiendo una mirada profunda a las complejidades de las experiencias vividas por mujeres negras mozambiqueñas. Por lo tanto, la novela revela la diversidad cultural de Mozambique y las opresiones comunes enfrentadas por



las mujeres del país, tema propuesto en este trabajo. A lo largo del texto, se discute la construcción de la identidad femenina, la resistencia de las mujeres ante las estructuras patriarcales y la importancia de la sororidad, que ocurre a través del diálogo y la construcción de un lugar seguro.

Palabras-clave: Literatura; Mujeres negras; Literatura femenina; Negritud; Patriarcado.

PAULINA CHIZIANE, LE LIEU SÛR ET LA CONSTRUCTION DE LA RÉSISTANCE FÉMININE DANS *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Résumé: L'article se penche sur le roman *Niketché*: une histoire de polygamie, de Paulina Chiziane, du point de vue de la pensée féministe noire et de la théorie sociale contemporaine, en mettant en avant l'intersectionnalité entre race, genre et classe proposée par Patricia Hill Collins dans *La pensée féministe noire* (2019). L'œuvre de Chiziane se concentre sur le parcours de Rami, un personnage noir marié à Tony, un policier renommé, et explore ses expériences dans une société marquée par le patriarcat. La littérature, dans ce cas, agit comme une zone privilégiée pour explorer les questions sociales et identitaires, en permettant un regard approfondi sur les complexités des expériences vécues par les femmes noires mozambicaines. Ainsi, le roman révèle la diversité culturelle du Mozambique et les oppressions communes auxquelles font face les femmes du pays, thème abordé dans cet article. Tout au long du texte, sont discutées la construction de l'identité féminine, la résistance des femmes face aux structures patriarcales et l'importance de la sororité, qui se manifeste par le dialogue et la construction d'un lieu sûr.

Mots-clés: Littérature ; Femmes noires ; Littérature féminine ; Négritude ; Patriarcat.

INTRODUÇÃO

O pensamento feminista negro trata-se de uma perspectiva dentro da teoria social, em que se reflete acerca das intersecções entre raça, gênero e classe, a fim de compreender a multiface das vivências de mulheres negras, a depender do lugar em que estão inseridas e do conceito de gênero dentro de tal ambiente. Nesse viés, a literatura funciona como uma possível chave para



aprofundar questões similares às mencionadas, pois se transfigura em um “lugar ontológico privilegiado” (ROSENFELD, 2014, p. 48), uma vez que concede, por meio de personagens múltiplas, uma plenitude de condições, com a finalidade de enriquecer e libertar, bem como distanciar e aproximar o leitor da realidade. Em vista disso, o artigo contempla o lugar seguro – conceito introduzido por Patrícia Hill Collins (2019) – e a construção da resistência feminina no romance *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane.

Publicado pela primeira vez em 2002, *Niketche: uma história da poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, narra em primeira pessoa a trajetória de Rami, criada no sul de Moçambique e casada com Tony, um funcionário da polícia em cargo alto, há 20 anos. Seu casamento, formalizado aos moldes ocidental e cristão, é marcado pela ausência do marido. Logo, o romance averigua a consciência de Rami, as condições por ela experienciadas como uma mulher africana e sua investigação quanto ao paradeiro do marido, de modo a descobrir as relações extraconjugais deste com outras mulheres. Essas outras mulheres de Tony, espalhadas por Moçambique, revelam a pluralidade do país, no que concerne os modos de vida, as tradições, as crenças e a cultura, mas também revelam uma conexão que as une, dado as opressões que recaem sobre todas as mulheres do país.

O eu enunciador de *Niketche* propõe através de sua subjetividade e submissão cultural, uma pretensa objetividade no reconhecimento de sua negritude e de sua condição de mulher enquanto agente social e representante de uma cultura híbrida. As mulheres criadas por Chiziane representam a nação, tornando-se ícones da resistência contra o colonizador e suas opressões. São mulheres cuja força para lutar pelo seu espaço na sociedade e por seu reconhecimento, pulsam cada vez mais forte. (ALVES-GARBIM, 2016, p. 82).

De acordo com Bell Hooks (2019), em *Erguer a voz*, o campo artístico é um espaço seguro para as mulheres, porque possibilita o uso da voz como



instrumento de povos silenciados e invisibilizados. Para a teórica, o campo artístico, como a música, a literatura e o poético, funciona como militância e auxilia na construção de novas representações, imagens e discursos, ou seja, uma nova produção de conhecimentos e uma nova epistemologia que subverte o paradigma civilizatório. Dessarte, os espaços de poder e a ruptura com padrões impostos em uma sociedade capitalista, branca e patriarcal só são acessados quando ocorre enfrentamento. Ainda com base no ponto de vista da ativista Bell Hooks (2019), a literatura faz-se, assim, uma potência na criação e ressignificação de novos conceitos, já que leva o público leitor ao pensamento crítico.

Paralelo a isso, escrever as mazelas sofridas por um povo é um exercício de impacto na subjetividade e de protagonismo para alterar o repertório epistêmico (HOOKS, 2019). É essa consciência que transforma, humaniza, mobiliza e expande imaginários que está presente na escrita dos povos africanos, em especial – e em decorrência do tema escolhido para esse trabalho –, dos povos moçambicanos: a literatura em Moçambique atua como um expoente para fortalecer e compreender as culturas da região, além de que

A luta pela reconstrução da cultura nativa se faz constante e permanente e ganha força por meio da voz de escritores e intelectuais locais que usam das artes e da literatura para fazer ressoar o canto de liberdade e o desejo de serem reconhecidos como uma nação dona de seus próprios costumes. (...) Para além dos conflitos causados em razão da colonização, questões de aculturação e hibridação dos costumes, como também uma busca pela identidade local, passam a ser questionadas por escritores do calibre de Paulina Chiziane, Noêmia de Souza, Mia Couto, dentre outros intelectuais de Moçambique. (ALVES-GARBIM, 2016, p. 77).

Dessa forma, Paulina Chiziane transforma-se em um dos primeiros nomes femininos a escrever em Moçambique. Sua escrita entrega protagonismo sobretudo às mulheres negras moçambicanas e, embora não fale a respeito de si mesma – nos termos de autodefinição de Patrícia Hill



Collins (2019) –, traz a consciência do ser mulher em uma sociedade marcada pela invasão e domínio dos portugueses, guerras e estruturas patriarcais decorrentes da tradição moçambicana e dos moldes colonizadores ocidentais.

As mulheres africanas que têm ambição de escrever e publicar suas obras partem de um duplo enfrentamento. Além de terem que enfrentar uma lógica patriarcal que estabelece limites para sua ação e coloca empecilhos para a prática da escrita e para seu reconhecimento como indivíduos autônomos, têm que lidar com os limites e preconceitos impostos pelos ocidentais, que relegam ao segundo plano a produção cultural que escapa aos seus limites. (ARAÚJO, 2018, p. 317).

A consciência do que uma nação é, do que uma mulher é nessa nação e a iniciativa de fundamentar um novo imaginário são formas de resistência plausíveis em sua escrita. Logo, “a literatura moçambicana foi uma maneira encontrada pelas mulheres para ampliarem a participação na vida pública do país”, tal qual “a autora empresta sua voz para denunciar as contradições de uma sociedade que prega a monogamia dos valores ocidentais, mas não se apressa em suplantá-la a poligamia da cultura tradicional” (MIRANDA, 2010, p. 78). Para Sanhá (2018), a escrita feminina em Moçambique retrata uma luta literária:

A década de 1970 marca o início e o surgimento da literatura feminina africana. A partir desse momento, começou a surgir no continente uma tomada de consciência de suas condições desiguais na sociedade. Com esse movimento, as mulheres começam a reivindicar de fato direitos há anos que foram negados por serem mulheres e mães, ou seja, houve uma busca sensata na conquista dos direitos das mulheres. (p. 4).

Ademais, a escrita de Paulina Chiziane toca a história de outras mulheres ao criar teoria com seus próprios pensamentos e bagagem historiográfica (GONZALES, 2020). Em *Niketche*, a personagem Rami passa grande parte de sua vida inserida em uma sociedade que naturaliza discursos hegemônicos para manter a mulher em controle e que identidades legitimadas,



como o homem, não precisam se autoafirmar ou se explicar (GONZALES, 2020).

Antes de descobrir as traições de Tony, Rami passa por uma grande dificuldade em se enxergar como sujeito: para ela, existia apenas uma esposa abandonada. É a partir da descoberta das amantes que Rami visualiza sua condição como mulher reprimida por imagens de controle que caminham juntas ao sexismo, ao racismo, ao machismo e aos demais entroncamentos. Em consonância com Gonzales (2020), Rami, educada com valores cristãos e monogâmicos, detém um papel generificado e definido, em que assume responsabilidades, cuida e não deve questionar: “– Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.” (CHIZIANE, 2002, p. 29), responde Tony quando indagado pela esposa.

Compreende-se, então, como as relações sociais são pautadas em relações de poder e a maneira como as perspectivas de poder estão marcadas pelo capital e pelo masculino. Tony, por ser um homem com boa condição de vida, não precisa pensar além de seu próprio mundo: é fácil, em sua condição, deixar sua esposa e construir uma nova família; é fácil ser poligâmico sem que as mulheres com que se relacionava soubessem. Nesse sentido, observa-se privilégios de homens negros que escapam de mulheres negras (GONZALES, 2020). “Tony nada mais é que uma personagem simbólica, ‘esculpida’ metaforicamente para representar esta realidade em Moçambique.” (MIRANDA, 2010, p. 114).

Angela Davis (2016), por outro lado, explicita que as mulheres são base na produção material da sociedade e que as mães são as grandes trabalhadoras que sustentam e organizam a sociedade, ao cuidar, lavar, alimentar, gerar mão-de-obra e dar respaldo aos filhos e maridos. Nessa perspectiva, *Niketche* demonstra como Moçambique é um país em essência



matriarcal, esculpido "pelas mãos das mulheres na criação dos filhos e na manutenção dos lares, embora o patriarcado seja o regime legalmente reconhecido." (ALVES-GARBIM, 2016,p. 81). Mesmo que sejam as responsáveis por sustentar o país, as mulheres do romance sofrem o mal do esquecimento, do desprezo e da culpa, em que "a supervalorização do homem aparece de maneira clara e evidencia uma condição social onde prevalece o machismo, uma das castrações mais cruéis sobre os direitos e os sentimentos femininos." (ALVES-GARBIM, 2016, p. 83). A intensa angústia de Rami acerca do feminino pode ser vista no trecho:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa — sua esposa — intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. (CHIZIANE, 2002, p. 68).

Ao conhecer as demais mulheres de Tony, Rami vê suas concepções a respeito de uma família monogâmica ruir. A família nuclear, como denomina Oyewùmí (2020), composta por esposa, marido e filhos, baseada no paradigma burguês, ocidental e colonizado, era apenas uma mentira, pois seu marido é adepto à poligamia. Rami, portanto, associa-se ao doméstico, é subordinada a um marido patriarcal e aos filhos, e sua definição como esposa reduz-se a estar no espaço familiar. Constata-se, aqui, a solidão dessa personagem, que pode ser

descrita como resultado da ausência de afeto e companhia proveniente de relações afetivas, principalmente em relações afetivo-sexuais. Tal estado de privação está intimamente relacionado aos efeitos de uma cultura racista e machista. Argumenta-se a



importância de espaços onde as mulheres negras possam dar vazão aos seus sentimentos e sejam acolhidas (...). (MIZAEL; BARROZO; HUNZIKER, 2021, p. 235).

É no contato com as demais mulheres e com as mulheres de sua família, como a sua mãe, que se inicia uma análise sobre as possibilidades de transcender o espaço familiar. A transcendência, todavia, não é rápida, porquanto a personagem principal e narradora do romance é tida como servidora, escrava do prazer do homem e um instrumento de reprodução – padrões consolidados no capitalismo por meio de famílias monogâmicas e da objetificação da mulher ao prazer do homem (MIRANDA, 2010).

No que se refere a fuga do conceito de família nuclear, “vê-se que um conjunto de fatores, combinados entre si, contribui de forma decisiva para que a monogamia, mesmo sendo a forma de união matrimonial considerada legal em Moçambique, não consegue suplantar a poligamia” (MIRANDA, 2010, p. 14). Porém, o romance tece uma crítica no que concerne a poligamia no país, em que as mulheres são nada mais que objetos com variadas utilidades: “A Mauá é meu franguinho – diz – passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. Saly é boa de cozinha. (...) Mas também boa de briga, que é bom para relaxar os meus nervos. (...) A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte (...)” (CHIZIANE, 2002, p. 139). No contexto da obra, cada mulher revela aspectos culturais da nação:

É à medida que as personagens vão sendo apresentadas na narrativa que as culturas vão aparecendo. Julieta, do Sul, é a estudante iludida; Luisa da Zambezia, região ao norte de Moçambique de onde os homens migram e não retornam, por isto os que sobram são divididos entre as muitas mulheres (CHIZIANE, 2004, p. 55); Saly é maconde, outro povo do norte, de Cabo Delgado. Há uma lenda que diz que o povo maconde é descendente de uma escultura feminina que adquiriu vida. (IDEM); Mauá Salue é macua, outro povo do norte, de origem monogâmica, transformado em poligâmico a partir da influência muçulmana. Eva, a Doutora, estudada, diretora de empresa, chefe de homens no trabalho, tem carro próprio, uma mulher integrada ao urbano, a única que não depende financeiramente de Tony. Das mulheres de Tony, as duas ímpares são Rami, de formação ocidental, monogâmica, criada para



servir ao homem. E Eva a mulata do norte no outro extremo, mulher independente, mas amaldiçoada nas culturas moçambicanas, e abandonada pelo marido por ser estéril. Julieta, Luiza, Saly e Mauá são de culturas que de uma forma ou outra convivem com a poligamia. (MIRANDA, 2010, p. 112).

Ulteriormente, ao descobrir os relacionamentos de Tony, Rami enche-se de ódio pelas outras mulheres, por terem lhe tomado o marido, e por si mesma, por ser incapaz de fazê-lo fiel. Culpa-se quando está em frente ao espelho, de cara com sua imagem, e é culpada pelas pessoas que a cercam. Em detrimento da culpa, “tenta confrontar as amantes do marido, uma por uma, reivindicando o seu lugar de esposa legítima, com brigas e disputa pelo mesmo homem, até com sangrentas lutas corporais” (SANHÁ, 2018, p. 11-12). Na tentativa de responsabilizar as amantes e não o marido – que se encontra confortável com a situação –, Rami ilustra uma educação voltada ao machismo, em que as construções sociais determinam e perpetuam o ódio e a rivalidade entre mulheres, como se as mulheres fossem treinadas para contribuir com uma sociedade menos humanizada (GONZALES, 2020). Isso pode ser elucidado no fragmento a seguir, em que Rami é levada à delegacia após uma briga com uma das amantes de Tony:

- Elas roubam-me o homem e ficam com ele como se fosse delas. O jovem olhou-me com atenção e parecia estar a pensar em alguma coisa séria. (...)
- Se o seu marido a deixa, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há. (CHIZIANE, 2002, p. 52, grifos nossos).

Por meio da interiorização da rivalidade feminina, da culpabilização da mulher pela sua condição e da perpetuação do sentimento de vergonha, Rami inicia um processo de escuta com as demais mulheres: esse é o caminho encontrado para a desconstrução da vergonha e a construção da resistência e da revolução dentro do meio em que vive (PEDRO, 2021). Em união, as mulheres usam da narrativa que condena, “uma instituição de poder (...)



generalizada em muitas sociedades” (PEDRO, 2021, p. 137), para encontrar soluções.

Niketche também é uma obra sobre cinco mulheres a aprenderem que não são culpadas. Que nenhuma delas é culpada. Que a vergonha que sentem não é fundamentada porque o verdadeiro responsável pela situação em que vivem é Tony. Aprendem, a partir de pequenos passos, a deixar de ser rivais. Percebem que tudo o que estavam a sofrer é fruto de um dado modelo social que lhes impõe uma realidade e, ainda por cima, as faz sentir culpadas. Como é uma situação que se repete, um

padrão social e político, diz-se que se está perante uma violência de gênero estrutural. O processo de desconstrução das personagens começa, de certa forma, com a empatia de Rami para com Julieta, quando ouve a sua história (...) Uma empatia que se expande para as mulheres enquanto grupo social. (PEDRO, 2021, p. 137).

“Unidas pela amizade e pelas conversas, essas mulheres buscam, nas tradições poligâmicas, comuns no Norte do país, o modo de refazer as suas identidades. Nesta violenta sociedade de domínio cultural masculino e de colonização europeia portuguesa (...)” (SILVA, 2011, p. 93), elas ocupam lugares seguros e coletivos, como prática de emancipação e construção da liberdade. A partir da consciência de suas condições subalternas, essas mulheres concebem um espaço de segurança para existir e resistir, fortalecendo umas às outras (COLLINS, 2019). Na mesma linha, elas passam a reivindicar a poligamia nos moldes corretos do país, o que funciona como um uso estratégico de um mecanismo antes opressor, em que Tony deve arcar com as responsabilidades de um marido. Para Patrícia Hill Collins (2019, s.p.), o

domínio de um discurso relativamente seguro, mesmo que restrito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres Negras. Famílias estendidas, igrejas e organizações da comunidade afro-americana [a título de exemplo] são espaços importantes nos quais o discurso seguro potencialmente pode ocorrer. Esses espaços não são apenas seguros – eles formam os lugares primordiais para resistir à objetificação com o Outro. (...) Historicamente, a sobrevivência dependeu de permanecer unidos e, de muitas maneiras, de ter como objetivo minimizar as diferenças entre si.



Isso posto, os diálogos entre as mulheres incorporam desigualdades e demonstram a potência da oralidade como instrumento de aprendizagem e formação. É no contar e no ouvir que essas mulheres se libertam: elas se comovem com as problemáticas que suportam (o desprezo, a criação dos filhos, as humilhações e a violência) e estão dispostas a restituir suas próprias dignidades (SILVA, 2011). A prática de diálogo e escuta é uma prática de apoio e renovação, pois estabelece conexões e revela a força da amizade feminina, visto que “o fato de que as mulheres Negras sejam as únicas a realmente ouvirem umas às outras é significativo, particularmente dada a importância da voz na vida das mulheres Negras” (COLLINS, 2019, s.p.). A auto-valorização, o respeito, a autoconfiança e a autodefinição são necessárias para a independência, dado que essas ações empoderadas ajudam as mulheres negras a resistir à ideologia dominante (COLLINS, 2019). A consciência coletiva de um grupo em relação a esses atos colocam essas mulheres como resistentes e dotadas de força de vontade (COLLINS, 2019):

A união das mulheres estava levando-as a buscar independência financeira com trabalhos diversos. (...) A sororidade da Rami com as rivais é de pura irmandade, pois ela consegue tirar todas elas da dependência econômica e afetiva para a condição de independentes, assim, tornando-lhes sujeitos das próprias histórias. Nessa harmonia, as mulheres deixaram o passado de rivalidade para encarar a união emancipadora do grupo. (...) As mulheres passaram de simples amantes para esposas legais graças a Rami, que lhes proporcionou uma ascensão de status de invisíveis para visíveis perante a sociedade, de marginais para as reconhecidas pela toda a família do policial, assim, partilhando a escala conjugal sem nenhuma diferença como manda as leis da tradição. (SANHÁ, 2018, p. 15-23).

Com a autodefinição, cria-se uma nova percepção, entende-se os pensamentos enraizados e capacita o estabelecimento de uma voz própria, que rompe com os ideais dos detentores do poder. À medida que cada uma das mulheres associadas a Tony adentra o mercado de trabalho, seja formal ou informalmente, elas avançam em direção à independência financeira, enquanto



simultaneamente desafiam coletivamente o mito do homem como figura invencível. Elas também passam por um processo de reconstrução psicológica, algumas optando por casar e outras conquistando novos espaços para si mesmas. Elas redefinem relacionamentos, rompem com padrões de obediência e estabelecem novos modelos de compartilhamento e colaboração. (MIRANDA, 2010). Além disso, nos laços criados pelas personagens do livro percebe-se o amor e o afeto como resistência política e como perspectiva humanizadora, que introduz e produz conhecimento, que descoloniza o pensamento colonizado, que modifica o lugar de protagonismo e que aprende sobre possibilidades (HOOKS, 2021).

Por fim, a obra *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, expõe de maneira categórica as complexidades das experiências vivenciadas por mulheres negras em Moçambique e sinaliza as diferentes formas de opressão e resistência presentes na sociedade. Ao longo da narrativa, Chiziane aborda temas como a poligamia, o machismo, a submissão feminina e a luta pela independência e autodeterminação das mulheres. Por meio das personagens, a autora retrata as injustiças enfrentadas por elas e a capacidade de resistir e se solidarizar umas com as outras. Portanto, evidencia-se a importância do diálogo e da escuta entre as mulheres como forma de fortalecimento e empoderamento coletivo. Ao compartilharem suas histórias e experiências, as personagens conseguem superar rivalidades e construir laços de solidariedade, que as ajudam a enfrentar as adversidades impostas pela sociedade patriarcal e colonial; e ao questionar paradigmas e buscar formas alternativas de convivência e organização social, as mulheres de *Niketche* reivindicam autonomia e direito à felicidade.



REFERÊNCIAS

ALVES-GARBIM, Juliana Franco. O feminino e a tradição em Niketche: uma história de poligamia. Todas as musas. São Paulo, n. 1, p. 76-84, 2016. Disponível em: www.todasasmusas.com.br/15Juliana_Franco.pdf. Acesso em: 13 de fev. de 2024.

ARAUJO, Flora Morena Maria Martini de. Uma leitura feminista da obra Niketche: uma história da poligamia, de Pauline Chiziane. Revista Vernáculo. Paraná, n. 41, p. 315-340, 2018. Disponível em: revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/53473. Acesso em: 14 de fev. de 2024.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. Editorial Caminho, 2002.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo latinoamericano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MIRANDA, Maria Geralda de. Niketche: uma história de rupturas, ou o feminino em constante desafio. E-scrita. Nilópolis, v. I, n. 3, p. 108-115, 2010. Disponível em: revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/49. Acesso em: 13 de fev. de 2024.

MIZAEL, Táhcita Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021. Disponível em: abpnrevista.org.br/site/article/view/1270. Acesso em: 14 de fev. de 2024.



OYEWÙMÍ, Oyèrónke. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemológicas africanas. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque. Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. Em Pauta. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2020, n. 45, v. 18, p. 116 - 129. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47219/31983>. Acesso em: 15 de fev. de 2024.

PEDRO, Raquel Hilário. Da vergonha à revolução: violência e resistência em Niketche. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 13, n. especial, p.131-141, 2021. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/51063. Acesso em: 13 de fev. de 2024.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. *In*: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. et. al. A personagem da ficção. São Paulo: Perspectiva, p. 9-50, 2014.

SANHÁ, Satumata Malam Sambu. Aspectos da subalternidade e da resistência feminina em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. 2018. 29f. Artigo (Graduação) - Curso de Letras Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018. Disponível em: repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2244. Acesso em: 14 de fev. de 2024.

SILVA, Eufrida Pereira da. Falar para curar, ouvir para aprender - Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, p. 92-107, 2011. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4882. Acesso em: 14 de fev. de 2024.

Recebido em: 25/02/2024

Aprovado em: 17/04/2026